

Dossiê 50 anos da Pedagogia do Oprimido: Movimentos de opressões e emancipações contemporâneas na América Latina e África – uma apresentação

Escrever sobre a apresentação dos artigos reunidos para a edição deste dossiê especial da Revista Interinstitucional Artes de Educar constituiu um desafio instigante. Sobretudo pelo convite sempre aberto, que as obras de Paulo Freire nos oferecem para pensar em ação sobre a educação na América Latina e no Brasil, em particular, sobre as ressonâncias das vozes da Nossa América que, na escrita de Freire em “Pedagogia do Oprimido”, atualiza e sela nosso compromisso com uma educação democrática, crítica e libertadora.

Sabemos ser ambicioso escrever uma apresentação sobre como cada autora e autor, nos artigos que compõem este Dossiê, foi tocada e tocado ao ler Pedagogia do Oprimido. Especialmente, por rememorarmos uma obra seminal que, em cinco décadas, se mantém convidativa para novas leitoras e novos leitores, objeto de análise de pesquisadoras e pesquisadores com incursões de mais longa duração no campo da educação, na perspectiva da Educação Popular e dos movimentos sociais contemporâneos.

Pois, então, o contato com os artigos reunidos convida as organizadoras a partir de um entretecer de textos e dá-los sentido em alinhavo pela linha feita em tinta vigorosa pelas mãos enlaçadas de Paulo Freire e das suas referências afetivas, intelectuais, políticas e existenciais.

O desafio lançado publicamente, e aceito pelas autoras e autores deste dossiê, foi não exclusivamente de fazer balanços sobre a obra, sob a insígnia de um tempo ou de uma geração, mas reler de forma intensa Pedagogia do Oprimido, não apenas para compreender traços contemporâneos que nos desafia a pensar em ação a educação no Brasil e na América Latina em um contexto em que não podemos nos silenciar diante da barbárie e de novas formas de colonização tributárias de tradições conservadoras, criando novos pactos de poder e de produção de injustiças, excluindo milhões de vozes, de pensamentos, de modos de vida.

Contra a manutenção destas injustiças é que as leituras e releituras de Pedagogia do Oprimido contribuem para revigorar as lutas sociais que historicamente fecundaram e continuarão a fecundar a educação na perspectiva do combate às novas opressões e dos movimentos que criam fraturas e (re)existências no tecido social contemporâneo.

Organizado em dois agrupamentos de textos que intencionamos articulados, o dossiê em seu conjunto expressa desafios epistêmico-filosóficos e teórico-metodológicos enfrentados pelas autoras e autores em eixos de categorias em suas confluências.

Desse modo, entendemos que os cinco primeiros textos procuram realizar diálogos epistêmico-filosóficos com o livro Pedagogia do Oprimido. Reunimos nesta seção artigos que se

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 4 N. 2 – pag 223-227 (mai - ago 2018): “Dossiê 50 anos da Pedagogia do Oprimido: movimentos de opressões e emancipações contemporâneas na América Latina e África”
DOI:10.12957/riae.2018.38024

dedicam às principais categorias anunciadas na obra de Paulo Freire e que permanecem em contínua problematização, constituindo um relevante legado do autor para a produção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais. Integram este primeiro conjunto os cinco artigos apresentados abaixo.

Ao iniciarmos pelo artigo de Diego Chabalgoity, *A justificativa da Pedagogia do Oprimido 50 anos depois: elementos para uma necessária reflexão ontológica*, somos convidados a refletir sobre os sentidos do próprio ato que leva Paulo Freire a escrita de sua obra. A reflexão ontológica é palmilhada pelo autor através de matrizes marxistas e decoloniais com as quais a leitura do contexto latino americano produz as condições objetivas e subjetivas para a escrita de Pedagogia do Oprimido. A percepção sensível e aguçada de Freire neste contexto, entre a contradição permanência-mudança, convoca a dialética e o poder transformador das classes oprimidas para a superação da opressão. Como conclui o autor do artigo, Pedagogia do Oprimido mantém indelével atualidade e sua leitura e estudos são fundamentais para a formação da identidade de educadores populares.

No artigo *Desde Freire: cinquenta anos da Pedagogia do Oprimido e o feminismo no Brasil*, as autoras Rita de Cássia Machado, Conceição Paludo e Amanda Motta Castro estabelecem uma relação entre o livro Pedagogia do Oprimido e a luta da libertação das mulheres no Brasil, a partir de um diálogo com o materialismo histórico dialético. Tendo como categoria central a opressão tematizada por Freire, as autoras se aproximam e enfrentam a dialética opressor e oprimido, especialmente ao tange aos estudos feministas no Brasil, o que nos exige um mergulho profundo nas contradições objetivas e subjetivas do processo colonial e de dominação cultural no Brasil e na América Latina. As autoras nos convidam a compreender o campo dos estudos feministas aproximando-o das lutas Freireanas contra todas as opressões presentes no modelo colonial, de base sexista/patriarcal, ainda hegemônico no país.

Continuando o diálogo com a Pedagogia do Oprimido, o artigo, *A onda contra o pensamento de Paulo Freire trazida por movimentos conservadores não deixa de ser tratada no artigo Humanismo, anti-humanismo e educação popular (Pedagogia do oprimido: 50 anos depois)*, de Flávio Brayner, parte da premissa de que na escrita Pedagogia do Oprimido podem ser observadas categorias do Humanismo clássico radicadas no pensamento moderno. O autor, ao trabalhar as contradições entre as categorias humanismo e anti-humanismo, sugere que o humanismo de Freire continua sob ataque. Pela dialética da negação do humanismo, o autor interpela sobre como esta categoria clássica poderá sobreviver ante as versões do anti-humanismo nos tempos atuais.

Por sua vez, o artigo *Contribuições da obra Pedagogia do Oprimido ao (re) pensar da formação de educadores de jovens e adultos*, Maria Clarisse Vieira propõe rediscutir um tema caro ao campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou seja, a problemática da formação docente de jovens e adultos das classes populares. Referenciada nas matrizes da Educação Popular e na (re)leitura de Pedagogia do Oprimido, a autora contextualiza aspectos históricos que tensionam a formação educadoras e educadores. Ao revisitar esta obra de Freire, a autora chama atenção para as categorias dialogicidade, educação para mudança e inédito viável como referências para uma proposta de formação de educadoras e educadores; referências estas inalienáveis a uma proposta de formação com vista a uma educação humanista e transformadora. Finalizamos este agrupamento temático do dossiê enlaçados pela escrita de Valéria Oliveira de Vasconcelos e Carlos Rodrigues Brandão que através do artigo *50 anos da Pedagogia do Oprimido: reflexões sobre (re)existência no Brasil e na América Latina* nos inspiram a seguir pensando sobre nossa existência neste contexto continental. A autora e autor, problematizam sobre nossas vidas em tempos de perdas de direitos e exclusão social, que têm sido vividas em um período de retrocessos de direitos expressados pelos mais perversos desmandos e ações praticadas pelo conservadorismo reacionário. Em face às opressões cotidianas, são expostas e refletidas a contemporaneidade das proposições de Freire, fazendo-se necessário darmos continuidades às lutas e às resistências para confrontarmos e superarmos ações de silenciamento que tentam impor o projeto da “escola sem partido” como uma nova reedição da “educação bancária”.

Buscando um diálogo com o conjunto dos cinco textos anteriores, no próximo agrupamento temático composto por seis textos, reunimos artigos que incursionam pela perspectiva teórico-metodológica da obra de Paulo Freire. A juízo das organizadoras, os seis artigos dialogam com uma das mais importantes formulações do autor e que pode ser sintetizada no enunciado “saber de experiência feito”, diálogos com Paulo Freire, em desdobramentos possíveis que envolvem a política como ação prática.

Nesse sentido, o artigo *Currículos emancipatórios na EDA/EJA : resistências freireana*, escrito por Valéria Campos Cavalcante e Marinaide Lima Freitas, o legado de Paulo Freire é rememorado e enlaça práticas pedagógicas construída e vivenciadas pelas autoras ao se referenciar nas contribuições que a escrita da Pedagogia do Oprimido oferece para currículos emancipatórios para a Educação de Adultos (EDA) e para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir de ações de pesquisas realizadas no âmbito do Observatório Alagoano de Leitura em Educação de Jovens e Adultos, as autoras trazem como recorte pesquisa sobre formação inicial dos estudantes de Pedagogia e continuada de professoras das escolas e da Universidade. Movidas pela “curiosidade epistemológica”, as autoras

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 4 N. 2 – pag 223-227 (mai - ago 2018): “Dossiê 50 anos da Pedagogia do Oprimido: movimentos de opressões e emancipações contemporâneas na América Latina e África”
DOI:10.12957/riae.2018.38024

evidenciam que nos *espaçotempos* da escola, permeados que são por relações sociais das mais diversas e contraditórias, são tecidos inéditos-viáveis pelo e com os sujeitos no currículo da EJA na perspectiva emancipadora.

O artigo *A atualidade do pensamento de Paulo Freire para refletirmos sobre políticas públicas e práticas na Educação de Jovens e Adultos*, escrito por Ana Paula Moura e Jaqueline Ventura, expõe a atualidade da obra *Pedagogia do Oprimido* para a construção de políticas e práticas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao lembrarem criticamente ações governamentais que gravaram a história da educação de jovens e adultos da classe trabalhadora no Brasil, as autoras retomam as categorias *dialogicidade* e *autonomia* problematizando-as a partir de situações vividas no cotidiano da EJA que foram analisadas no artigo. As autoras concluem que as políticas e as práticas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores, por ser disputada por diferentes setores da sociedade expressam diferentes projetos e concepções de homem e de sociedade e, nesse sentido, as formulações teórico-filosóficas de Paulo Freire nos convidam ao desvelamento do mundo, ao diálogo com as classes populares com vistas à construção da autonomia.

A pedagogia freireana inspira o artigo *Aprendendo a dizer (sua) palavra: um debate (ainda) necessário entre opressão e formação pela memória experiencial*, no qual as autoras, Adriana Amaral Ferreira e Fabrícia Vellasquez, discutem sobre o lugar das memórias e experiências nos processos de formação vivenciados por estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que, no ano de 2016, ocuparam por cinquenta e quatro dias a universidade em ato contra a Proposta de Emenda Constitucional 241 que sancionada congelou os gastos para políticas públicas por vinte anos. As autoras problematizam as memórias do movimento de ocupação como expressão do vivencial e, entre fontes diversas registraram os movimentos discentes do curso, enfatizando o caráter político-formativo das ações dos estudantes.

No artigo *Educação Integral: proposta para uma educação popular*, as autoras Juliana Godói Alvarenga e Clarissa Moura Quintanilha discutem o modelo da escola em tempo integral, delineando pontos de convergência da educação dos oprimidos e a formação docente neste modelo escolar. As autoras discorrem sobre a experiência de Anísio Teixeira nas Escolas Parques no nordeste brasileiro, colocando em diálogo concepções e sentidos desta experiência, posteriormente ampliadas e ressignificadas por Darcy Ribeiro através dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), no Rio de Janeiro. Apesar de estas experiências se aproximarem das categorias freireanas de autonomia e de educação como prática da liberdade, as autoras tecem

críticas ao modelo vigente de escola de tempo integral, sobretudo quando submetido às políticas de avaliação em larga escala e seus efeitos deletérios para a educação popular.

Ao perguntar sobre a possibilidade de educar para a construção do *inédito viável*, o artigo escrito por Ângela Maria Andrade Marinho e André Hellvig da Silva, *A prática pedagógica em Paulo Freire 50 anos depois da pedagogia do oprimido: indignação, esperança e uma pergunta - como educar para a construção do inédito viável?*, aborda a questão da indignação e esperança, sentimentos que estão presentes 50 anos depois da publicação da Pedagogia do Oprimido. Autora e autor trazem como centralidade os desafios para a prática pedagógica. Para tanto, realizam um inventário sobre estes desafios que obstam a oferta da educação com qualidade social, lançando mão de referencial bibliográfico para analisar as funções sociais da universidade e da escola básica, assinalando, nos termos do artigo, que precisamos estar atentos ao perfil dos egressos destas instituições que pretendemos formar, considerando as contribuições da Pedagogia Crítica, na qual se insere a obra de Paulo Freire.

Já o artigo *A autoridade do educador no cenário tecnológico: interlocuções freireanas*, Elaine Conte, Adilson Cristiano Habowski se ancoram nas contribuições da hermenêutica desdobram a chamada a crise do educador como autor em contexto de culturas digitais. Problematicam sobre as possibilidades de o educador produzir conhecimento e se constituir como autor em ambientes organizados pelas tecnologias, tensionando as categorias autoridade e liberdade. Para autora e autor, em tais ambiente é possível revitalizar autoridade, como autoria, e liberdade em bases dialógicas. Consideram que sob esta tensão emergem práticas formativas que, marcadas pela contradição presente nestes contextos, as linguagens digitais são móveis de conhecimentos pelos quais são constituídos vínculos, autocrítica capazes de criarem ferramentas cooperativas entre os que participam, produzem e dinamizam cultura digital.

Para finalizar, assumindo todos os desafios inscritos no trabalho de apresentar e alinhar os textos do dossiê, colocando-os em diálogo, como editoras do presente número, ressaltamos a relevância político-epistêmica dos artigos aqui reunidos, convidando as leitoras e os leitores a revisitar e a ressignificar a obra Pedagogia do Oprimido como uma maneira de estarmos juntos na ação refletida para a mobilização de *inéditos viáveis* em tempos em que somos chamados a defender a democracia contra a barbárie.

Boa leitura!

Marcia Soares de Alvarenga
Maria Tereza Goudard Tavares